

Diferença de renda entre os bairros cariocas chega a 700%

NICE DE PAULA

Há um abismo salarial no município do Rio de Janeiro. A diferença de renda média entre os moradores da Lagoa, bairro onde os ganhos são maiores, e os do Jacarezinho, no outro extremo, é de 700%. Este é um dos resultados da pesquisa realizada pelo economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas. O Jornal do Brasil divulga com exclusividade que, nos bairros nobres da Zona Sul carioca, o valor recebi-

do gira em torno de R\$ 15 por hora de serviço, enquanto nas favelas o salário é de R\$ 1,80 pelo mesmo período trabalhado.

— O pão do favelado sempre cai com a manteiga virada para baixo. Ele trabalha mais, ganha menos e cada ano de estudo traz um retorno salarial muito menor do que traz para outras faixas de renda — explica Néri. **PÁGINA A29**

■ **A PETROBRAS ABRE 3.500 VAGAS EM CONCURSO. PÁGINA A26**

Abismo crescente entre pobres e ricos

Diferença na renda de moradores da Lagoa e do Jacarezinho chega a 700%. Favelados trabalham até 7 horas a mais por semana

NICE DE PAULA

A geografia salarial da cidade do Rio tem altos e baixos que apontam diferenças de mais de 700% entre a renda média dos moradores da Lagoa e do Jacarezinho, os dois extremos da desigualdade de renda. Quem vive no bairro nobre da Zona Sul ganha em torno R\$ 15,67 por hora de serviço, enquanto, para quem vive na favela, a mesma hora rende apenas R\$ 1,80. No contracheque no fim do mês, a diferença vai de R\$ 2.841 a R\$ 366.

O mapeamento, realizado pelo economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, com base nos dados do Censo 2000, também revela que é nos bairros pobres que as pessoas mais trabalham. No Complexo do Alemão, a jornada média é de 46,4 horas semanais, contra 40 horas em Botafogo ou 39,8 horas na Tijuca.

— Que os salários mais baixos estejam nas favelas era esperado, confirma o imaginário da maioria. Mas me chama atenção o fato de os *workaholics* também estarem nas comunidades de pobres e não nos bairros de renda alta — diz o economista.

E nas comunidades pobres que a dependência da renda dos salários é maior. Em Copacabana, por exemplo, apenas metade do ganho vem do trabalho, porque as pessoas recebem rendas de alugueis, aposentadorias. No Complexo do Alemão, o trabalho responde por 82% dos ganhos. Ganhos extras por meio de programas sociais, como bolsa-escola e alimentação, cujos valores são muito baixos.

O desemprego também castiga mais as favelas. A taxa é de 8,7% na Lagoa ou 10,4% na Barra. Pula para 22,3% na vizinha Cidade de Deus. Na estatística, vale ressaltar, entram apenas aqueles que procuraram trabalho. O excesso de mão-de-obra disponível é uma das maiores causas dos baixos salários. Outra é a pouca escolaridade.

— O pão do favelado sempre cai com a manteiga no mercado de baixo. Ele trabalha mais, ganha menos e cada ano de estudo traz um retorno salarial muito menor do que para outras faixas de renda — diz Neri.

Um mesmo ano de estudo a mais, que acrescenta cerca de R\$ 240 por mês no contracheque de um morador da Barra da Tijuca, soma apenas R\$ 55 na renda de quem vive na Favela do Maré.

O trabalho de Marcelo Neri coloca uma lente de aumento sobre a cidade do Rio, e desenha na realidade de cada bairro a desigualdade do país, exposta pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e pelas Estatísticas do Censo 2000, ambos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

— Vamos deixar o cinismo de lado e reconhecer que as favelas não são só fonte de más notícias sobre violência, mas um exército de reserva de mão-de-obra barata que presta serviço à elite, sobretudo com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho. Incomodado pela violência, pela exposição da miséria na janela, mas são úteis — diz Neri.



DISTANTES: A empresária Janete deixa a cobertura da Lagoa para passear com a cadela Kava, enquanto, no Jacarezinho, Maria brinca com a gata de estimação

Dois lados de uma mesma cidade

BRUNO ROSA ESPECIAL PARA O JB

Janete Pinheiro e Maria José da Silva vivem em lados opostos do Rio. Uma mora na cobertura de um prédio às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do

Rio. A outra vive no outro extremo da cidade, aos pés do Morro do Jacarezinho. Em comum, só o fato de terem duas filhas e muita disposição para o trabalho.

Maria, 53 anos, chegou ao Rio há mais de 30, vinda de Itambé, no interior de Pernambuco, em busca de melhores condições de vida. Já trabalhou como doméstica e operadora de caixa registradora em supermercado. Mas a falta de estudos — só cursou até a quarta-série do ensino fundamental — barrou a tão sonhada melhora do padrão de vida.

O resultado é que Maria tem que acordar todos os dias cedo e enfrentar mais de uma hora de ônibus até o trabalho como auxiliar de serviços gerais em uma academia de ginástica, instalada em um hotel de Copacabana. A jornada é pesada: são 47 horas por semana. Já o salário não pesa tanto no bolso: R\$ 310 por mês. Mas ela não desanima.

Estou na academia há dois anos. O meu salário,

apesar de pequeno, dá para sobreviver e sustentar as minhas duas filhas. Ainda tenho esperança de que dias melhores virão. Tenho até um sonho de ser atriz — brinca a mãe de Edna, 15 anos, e Emanuelle, 11.

Maria já morou em vários bairros, incluindo Tijuca e Copacabana. Hoje tem uma casa no Jacaré, onde está há 16 anos.

— O Jacaré é um lugar muito bom de se morar. Aqui, na Zona Norte, encontro gente trabalhadora e honesta. Por isso, já estou aqui há quase duas décadas — diz Maria. Do outro lado da cidade, na Zona Sul do Rio de Janeiro, a empresária Janete Pinheiro, de 45 anos, vive uma realidade bem diferente. Formada em Letras, na Universidade Federal de Minas Gerais, e com pós-graduações em Paisagismo e Jardinagem, Janete administra a própria empresa, aberta há 15 anos, e tem uma renda mensal bem maior do que a grande maioria dos brasileiros.

— Gosto de me divertir e de viajar, mas também trabalho bastante. Praticamente o dia inteiro. De segunda a sábado. Não é fácil acompanhar uma empresa com 80 funcionários e uma produção de cerca de 5 mil peças por mês — conta.

A fábrica de Janete produz roupas infantis vendidas no país inteiro. Ela faz uma supervisão minuciosa de todas as bainhas e estampas feitas nos vestidos e nas blusas infantis. E ainda arranja tempo para cuidar da forma física, caminhando na Lagoa, e para se reunir com as amigas para conversas informais.

— Uma das minhas filhas, Roberta, de 20 anos, estuda comunicação, e a outra, Michele, de 25, está em Los Angeles, nos Estados Unidos, cursando administração de empresas. Espero que elas não precisem trabalhar o mesmo número de horas que eu para conquistarem um futuro promissor.

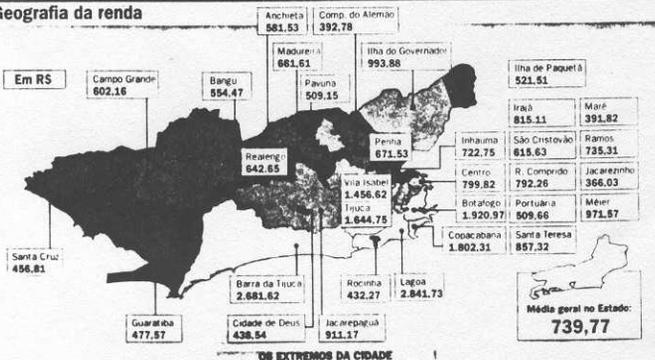
bruno@jb.com.br



“As favelas são um exército de reserva de mão-de-obra barata que presta serviço à elite”

MARCELO NERI

Geografia da renda



OS EXTREMOS DA CIDADE

	Jornada semanal (horas)	Salário-hora (R\$)	Taxa de Desemprego (%)	Anos de estudo	Ganho por ano de estudo (R\$)
MAIS POBRES					
Jacarezinho	386,86	1,80	21,83	6,42	66,29
Maré	391,82	1,90	18,22	6,04	64,87
Complexo do Alemão	395,79	1,96	19,48	6,07	64,72
Rocinha	432,27	2,13	17,18	5,68	76,10
Cidade de Deus	438,54	2,16	22,31	5,54	66,57
MAIS RICOS					
Barra da Tijuca	2.681,62	14,37	10,43	12,31	240,07
Botafogo	1.920,97	10,84	9,22	12,31	198,06
Copacabana	1.902,31	10,08	10,43	11,81	152,61
Tijuca	1.644,75	9,33	9,73	11,84	136,81

FONTE: IBOPE/CPS A PARTIR DOS FLUXODADOS DO CENSO 2000/IBGE.

Mudança depende de escola

O abismo de renda que divide o Rio e resultado de anos de falta de investimentos em educação. E a avaliação é de Marcelo Garcia, secretário municipal de Desenvolvimento Social e responsável interino pela pasta de Trabalho e Renda do município.

— A renda está estrangulada pela falta de escolaridade. O descrescimento da educação nos anos 80 prejudicou o trabalhador que está no mercado hoje — afirma.

Segundo Garcia, as disparidades de renda estão sendo combatidas hoje com a manutenção de “99%” das crianças na escola. Outra medida que considera fundamental é investir na educação de jovens e adultos, projetos que, segundo ele, a prefeitura oferece hoje a 40 mil pessoas.

— Daqui a 10 anos, o jovem que está hoje na escola vai ter efeito de melhoria da renda. Temos um problema sério de *gap* (vazio) de educação que não se resolve rapidamente — argumenta.

O mesmo zipi e aponta do secretário para explicar o baixo retorno salarial que o investimento em estudo traz para os moradores da favela. Marcelo Neri concordou que os diferentes patamares de escolaridade ajudam a explicar a diferença de ganhos por ano de estudo. Isso porque o efeito da educação sobre o salário é tanto mais alto quanto maior for o nível de escolaridade alcançada. Assim, um ano a mais na favela significa passar da 2ª para a 3ª série do ensino médio; na Barra, pode ser a diferença entre o curso superior e a pós-graduação.

— Esse pode ser um dos fatores, mas o baixo ganho pode ser também resultado do fato de morar na favela. O desemprego foi o epicentro da crise nos últimos anos e o mercado de trabalho para quem mora nas favelas talvez seja um dos piores — diz.